# Dia 21 — São Vítor, Mártir, e Santa Praxedes, Virgem

São Vítor, mártir ilustríssimo da santa Igreja, nasceu em Marselha, de família muito distinta entre as mais nobres daquela cidade, tanto pelos consideráveis empregos com que os imperadores romanos haviam honrado seus antepassados como pelos muitos bens de fortuna que possuía. É muito provável que seus pais foram cristãos e que se dedicaram com os maiores desvelos a dar-lhe uma educação digna de sua religião e de seu ilustre nascimento. Seguindo o costume das pessoas de sua qualidade, abraçou a profissão das armas e serviu aos imperadores com honra e com distinção, dando em muitas ocasiões tão assinaladas provas de singular valor que se crê haver-lhe merecido o nome de Vítor suas mesmas façanhas.

Três ou quatro anos depois que o imperador Maximiano Hercúleo, colega de Diocleciano, havia mandado fazer em pedaços a legião Tebana, composta toda de cristãos e comandada por seu chefe São Maurício, passou à cidade de Marselha pelo ano de 290. Era a esse tempo aquela cidade muito mais ilustre pelo zelo da religião e pelo crescido número de fiéis que a ocupavam que por sua antiguidade, pela multidão de seus habitantes, por quanto floresciam nela as ciências e as artes, por suas riquezas e por seu esplendor, em que disputava à mesma Roma a majestade e a opulência. Talvez não se encontrasse naquele tempo em todo o império romano outra cidade em que a fé de Jesus Cristo houvesse feito tantos progressos e onde a religião cristã triunfasse com maior glória; motivo que obrigou o imperador, inimigo mortal do nome cristão, a trasladar-se a ela para fazer alguma estada: e por isso mesmo se sobressaltaram com sua vinda todos os cristãos. Deu ordem Maximiano de que todos fossem presos, e num instante se encheram as prisões. Era Vítor então oficial nas tropas do imperador e, vendo seus irmãos naquele perigo, sentiu-se inflamado em zelo pela religião, não menos que aceso numa ardente caridade; e, como por outra parte era homem hábil, eloquente, de grande persuasiva e tão animoso que, em vez de acovardá-lo os riscos, lhe davam maior espírito, não conhecia o medo e com o maior desembaraço ia todos os dias aos cárceres a visitar os confessores de Jesus Cristo; e pelas noites andava toda a cidade de casa em casa fortificando a todos na fé e animando-os ao martírio.

Ao mesmo tempo que os esforçava com suas palavras, socorria-os com suas crescidas esmolas, não podendo ser seu zelo nem mais ardente, nem mais compassivo, nem mais eficaz. Acompanhava os mártires até o cadafalso, alentava-os até que rendiam o último suspiro e, desprezando generosamente os perigos, cada dia fazia novas conquistas a Jesus Cristo.

Não era possível que se dilatasse muito o prêmio correspondente a uma profissão do cristianismo tão intrépida e tão animosa aos olhos mesmos do maior inimigo do nome cristão. Foi acusado Vítor, não só como cristão, mas como o inimigo mais capital dos deuses do império, e surpreenderam-no quando estava exercendo as santas e gloriosas funções de verdadeiro soldado

de Jesus Cristo. Prenderam-no por ordem do imperador e conduziram-no ao tribunal dos dois prefeitos Astério e Eutiques, oficiais gerais do mesmo príncipe, que administravam a justiça na cidade. Ambos eram amigos particulares de Vítor; e, recebendo-o com muita honra, não só não o trataram como a prisioneiro, mas lhe falaram como a amigo, qualificando de calúnia a acusação.

«Não creias — disseram-lhe com semblante risonho e aprazível —, não creias que nos fizeram muita impressão as vozes que correm por aí; conhecemos-te muito bem e não nos podemos persuadir de que um homem tão discreto seja cristão. Sobra-te muito entendimento e muito juízo para dar em umas extravagâncias e em umas superstições tão indignas de um homem de tua qualidade, as quais, fazendo-te perder a graça do imperador, te privariam de teus empregos, te precipitariam nas maiores desditas e por fim te custariam a vida.» «Muita mercê me fazeis — respondeu o santo — em supor-me homem de tanto entendimento; mas, se tenho algum, não posso dar melhor prova dele que seguindo a religião cristã. Essas que vós chamais superstições são umas verdades tais que todo homem de razão se deve render a elas; e o nome de cristão tão longe está de desdourar minha qualidade que, falando em rigor, a verdadeira nobreza e a verdadeira glória consiste precisamente no culto que se tributa ao único Deus verdadeiro. Estimo e respeito a graça do imperador; boa prova é meu pronto rendimento a sua vontade imperial em tudo o que não se opõe a minha religião; mas, tratando-se de abandonar esta, antes abandonarei os empregos, os bens e a vida mesma.»

Ficaram suspensos os dois oficiais ao ouvir uma resposta tão discreta como generosa; mas, recobrando-se Astério, replicou-lhe: «Não é possível que tenhas feito reflexão sobre as funestas consequências a que te expõe esse capricho.» «Nem eu posso crer — acrescentou Eutiques — que tu mesmo sintas seriamente o que dizes. Quê! Adorar como a Deus e crer como só Deus verdadeiro um homem que sabemos que morreu justiçado num afrontoso madeiro! E crê-lo tão firmemente que esteja um homem pronto a sacrificar a vida por sustentar este delírio! Muito insensato há de ser o que abrace semelhante religião.» «Se a conhecêsseis bem — replicou Vítor —, falaríeis de outra maneira. Esse homem morto numa cruz pela salvação dos homens é verdadeiro Filho de Deus; e ele mesmo ressuscitou ao terceiro dia por sua própria virtude. Vossos deuses, sim, são uns deuses mortos; nem em vossos ídolos adorais outra coisa que os demônios. Sua mesma multidão é a melhor prova de seu nenhum poder. Adorar os demônios é extravagância, e render-lhes culto é impiedade.» Ao ouvir isto, os que estavam presentes levantaram descompostamente o grito, carregando-o de injúrias, sem que Vítor desse sinal da mais mínima alteração. Disse-lhe então Astério: «Já vês a indignação do público; nós não podemos deixar de dar conta ao imperador de tua desobediência.» «Também eu sou oficial de seus exércitos (respondeu Vítor) e ninguém terá notado em mim a menor covardia nem infidelidade em seu serviço; mas ao mesmo tempo sou soldado de Jesus Cristo e quero ser-lhe fiel; vós cumpri vossa obrigação.»

Informado Maximiano de tudo o sucedido, foi grande sua indignação pelo mesmo que estimava a Vítor como a um dos mais valorosos soldados de seu exército. Levaram-no a sua presença e recebeu-o de maneira que mostrou bem quanto sentia ver-se obrigado a valer-se de ameaças para intimidá-lo; mas o santo esteve ainda mais intrépido e mais resoluto diante do imperador que diante dos prefeitos. Não pôde sofrer sua constância o gênio cruel de Maximiano; arrebatado de cólera, mandou que o atassem pelos pés à cauda de um fogoso cavalo e que fosse arrastado desta

maneira por toda a cidade, não duvidando que os cristãos se atemorizariam à vista de um suplício tão desacostumado. Executou-se a ordem; concorreu todo o povo ao espetáculo; e, como se havia espalhado cuidadosamente a voz de que Vítor era o maior inimigo que tinham os deuses, cada um julgava fazer um ato de religião em carregá-lo bem de injúrias. Arrojavam-lhe pedras, semeavam as ruas de cacos de ferro, irritavam o cavalo a chicotadas e todos procuravam tornar-lhe mais cruel aquele tormento. Creu-se desde o princípio que logo expiraria, vendo-o tão ensanguentado, tão moído e tão despedaçado, cobertas de seu sangue todas as ruas, sem lhe ter ficado já mais que a figura de homem; mas conservava-o Deus para maiores tormentos e para que triunfasse nele a religião em meio de suplícios muito mais terríveis. Desataram aquele corpo desfigurado, despedaçado e banhado todo de sangue e voltaram a apresentá-lo diante dos prefeitos, os quais, vendo-o em estado tão lastimoso, creram que haveria pouco que fazer para vencê-lo.

«Isto é (disseram-lhe) o que ganhaste com tua teimosia; suplicamos-te como amigos que te rendas à vontade do imperador e que não queiras esgotar toda a sua paciência.» «Não me tenhais muita lástima (respondeu-lhes o santo) pelo estado em que me vedes; o amor que os cristãos temos a Deus e a segura esperança de conseguir os bens que não têm fim tornam muito preciosos para nós os trabalhos desta vida.» «Crê-me a mim — replicou Astério — e não arrisques os bens presentes e efetivos pelos imaginários e futuros.» Animado então o santo do espírito de Deus, fez-lhe um dilatado discurso, assim a ele como à multidão que o escutava, sobre a verdade da religião cristã e sobre a loucura do paganismo. Mas, como alguns zombassem de que os cristãos colocavam sua esperança em uns bens futuros dos quais não tinham nem provas nem experiência: «A prova mais concludente — disse Vítor — da segurança com que esperamos estes bens são os suplícios que padecemos com tanta alegria só por consegui-los; e aqui estou eu pronto a servir de novo exemplo.»

Vendo os juízes que começava a excitar-se no povo um surdo murmúrio e temendo algum motim, deliberaram entre si o que deviam fazer. Convieram logo em que era preciso castigar aquela ousadia e o desprezo dos deuses; mas não se conformaram no gênero do suplício e se acaloraram tanto nesta disputa que Eutiques se retirou. Ficou só Astério e, querendo comprazer ao imperador, condenou o santo aos mais cruéis tormentos. Deu princípio mandando aplicá-lo à questão com tanta impiedade que, se não o tivesse conservado Deus milagrosamente, teria perdido a vida. Durante este suplício, levantava Vítor os olhos ao céu e pedia ao Pai das misericórdias paciência para tolerá-lo. Apareceu-lhe Jesus Cristo com uma cruz na mão, deu-lhe sua bênção e disse-lhe que ele mesmo era o que padecia em seus mártires, que os alentava, os sustentava em seus combates e por fim os coroava depois da vitória. No mesmo instante sentiu-se Vítor sem a mais mínima dor; e, enchendo-se seu coração de um dulcíssimo consolo, achou-se tão fortalecido com estas palavras que, sem atender sequer ao que padecia, estava inteiramente ocupado em render mil graças ao Salvador por aquela grande mercê. Desta maneira cansou o santo o prefeito e os verdugos; tanto que, vendo-o Astério como insensível, mandou que o desatassem do potro e que o encerrassem num escuro calabouço; mas apenas entrou nele quando tudo se banhou de uma celestial luz mais resplandecente que a do mesmo sol. À vista deste prodígio, três soldados que lhe faziam guarda, chamados Alexandre, Longino e Feliciano, arrojaram-se aos pés de Vítor, protestando que não havia outro verdadeiro Deus que o Deus dos cristãos e pedindo com instância o batismo. Instruiu-os o santo o melhor que pôde e as circunstâncias do tempo o permitiam; mandou chamar alguns presbíteros, levou-os à beira do mar, onde foram batizados, sendo o mesmo santo seu padrinho,

como o dizem as atas do martírio, e voltou com eles ao cárcere, onde passaram todos o resto da noite dando a Deus muitas graças por suas grandes misericórdias.

Informado Maximiano na manhã seguinte da conversão dos três soldados, entrou numa furiosa cólera e mandou logo afixar um edito em que sentenciava os três a serem prontamente degolados e a Vítor, que os havia encantado com suas feitiçarias, a que fosse aplicado segunda vez a outra tortura muito mais rigorosa que a primeira. Não se turbou nosso santo e só atendeu a esforçar os três soldados, animando-os a desprezar generosamente a morte. Referiu-lhes que no dia antecedente o havia consolado o Senhor e os exortou a que se mostrassem dignos da honra que lhes fazia Jesus Cristo, expondo-os ao combate no instante mesmo em que entravam em sua milícia. Foram conduzidos todos quatro à praça que estava diante do cárcere, que se chama hoje a praça de Lenche, aonde havia concorrido todo o povo, os gentios para saciar sua desumanidade e sua raiva contra os cristãos e os cristãos para ver combater os santos mártires em defesa da religião e para ser testemunhas de seu triunfo em meio dos suplícios. Era Vítor o objeto principal contra quem se desenfreava o furor dos gentios; carregavam-no de injúrias e de imprecações, pretendendo obrigá-lo com descompassados gritos a que fizesse retratar os três soldados dos embustes e superstições em que os havia imbuído com suas feitiçarias e sortilégios; mas o santo, desprezando generosamente a gritaria e os insultos do fanático populacho, redobrou seu zelo para animá-los ao martírio e teve o consolo de vê-los morrer com tão valorosa constância que admirou até os mesmos pagãos. Cortaram-lhes a cabeça em presença de Vítor, que derramava doces lágrimas de gozo, rendendo mil graças ao céu e pedindo com instância ao Senhor que o fizesse participante da mesma glória.

Mas ainda não lhe foi então concedida esta ventura; fizeram-no ainda padecer outra tortura mais rigorosa para satisfazer ao povo idólatra, cada dia mais sedento do sangue dos cristãos. Voltaram a suspendê-lo no eculeo e por largo espaço de tempo golpearam cruelmente seu corpo com varas. Sua paciência, sempre vitoriosa dos mais despiedados suplícios, converteu grande número de pagãos, reconhecendo e confessando que sem assistência sobrenatural e divina não era possível resistir a tantos tormentos e muito menos padecê-los com tão visível alegria. Voltaram-no ao cárcere, onde esteve três dias clamando continuamente ao Senhor pela palma do martírio.

Muito logo teve seu efeito esta fervorosa oração. Parecendo a Maximiano que não era tratado Vítor com todo o rigor que merecia, avocou a si a causa e ele mesmo quis ser seu juiz. Mandou trazê-lo a sua presença, voltando a examiná-lo judicialmente sobre sua fé; valeu-se de promessas, de ameaças e dos tormentos a que o aplicou pela terceira vez. Como nada disto alterasse sua constância, fez trazer um altar, pô-lo diante dele, mandou-lhe oferecer incenso a Júpiter em sua presença e mandou-lho num tom tão terrível, tão espantoso, que se atemorizaram até os mesmos gentios. Abrasado então o santo de um extraordinário zelo e cheio de uma santa indignação ao nome só do horrível sacrilégio a que se o queria obrigar, deu um pontapé no ídolo e no altar e lançou tudo por terra. Espumando de cólera o tirano, mandou que no ponto lhe cortassem aquele sacrílego pé; estendeu-o intrepidamente Vítor ao verdugo e sofreu aquele tormento com a mesma alegria que todos os demais. Raivoso Maximiano por não poder dobrar a heroica constância do generoso soldado de Jesus Cristo, mandou que o pusessem debaixo de uma roda de moinho até que se fizessem farinha todos os seus ossos. Executou-se a ordem; mas apenas foi o santo aplicado a este suplício quando se fez em pedaços a máquina que dava movimento à roda.

Retiraram-no dela, embora já com todos os ossos moídos; e, vendo o imperador que ainda respirava, não podendo sofrer o ver-se vencido, mandou que lhe cortassem a cabeça, e ao mesmo tempo se ouviu uma voz do céu que dizia: «Venceste, ditoso Vítor, venceste.»

Parecendo ao tirano que poderia triunfar dos mártires, ao menos depois de mortos, deu ordem de que fossem arrojados ao mar os corpos de nosso santo e dos três soldados degolados três dias antes; mas dispôs Deus que a mesma água os lançasse à terra na margem oposta do porto, de onde os retiraram os cristãos e lhes deram sepultura a poucos passos de distância, a qual tornou gloriosa o Senhor com grande número de milagres. Recebeu São Vítor a coroa do martírio no dia 21 de julho do ano de 303.

No ano de 410 passou do Oriente a estabelecer-se em Marselha o célebre João Cassiano, tão conhecido por seu livro das coleções dos Padres; e, ordenado de sacerdote pelo bispo Venério, fundou no mesmo lugar da sepultura do santo mártir um famoso mosteiro, que é hoje a ilustre abadia de São Vítor da religião de São Bento, onde se guardam suas preciosas relíquias, menos o pé, que no ano de 1302 presenteou à abadia de São Vítor de Paris João, duque de Berry, filho do rei João, e ao duque se havia apresentado o papa Urbano V, quando era abade de São Vítor de Marselha. Esta abadia de São Vítor de Paris havia sido um simples priorado de monges beneditinos, dependente da abadia de São Vítor de Marselha, até que no ano de 1173 Luís, o Gordo, rei da França, a converteu em mosteiro de cônegos regulares.

Cada ano se renova nesta abadia de Paris a memória do recebimento do santo pé no dia 23 de julho, cuja comemoração se faz com grande solenidade, em testemunho do muito que se estima aquela preciosa relíquia.

No ilustre mosteiro das religiosas beneditinas de Marselha vê-se até o dia de hoje o cárcere, ou o calabouço subterrâneo, onde esteve preso o santo mártir, e em frente está a praça onde provavelmente consumou seu glorioso martírio e na qual 250 anos antes havia São Lázaro consumado o seu.

# Santa Praxedes, Virgem

Entre as ilustres famílias que abraçaram a fé de Jesus Cristo no tempo dos apóstolos, foi uma a do nobilíssimo senador Prudente, o qual, ilustrado com a luz do Evangelho e batizado por São Pedro, teve a ventura de que sua casa fosse a primeira na capital do orbe cristão onde celebrou o príncipe dos apóstolos os mistérios de nossa santa religião; e foi consagrada depois em igreja sob o título do Pastor. Deste pai feliz foi filha Santa Praxedes, natural de Roma. Deixam-se discorrer os progressos que faria Praxedes na virtude sob o ensino dos varões apostólicos, especialmente de São Pio, pontífice primeiro deste nome, a quem principalmente atribuem a educação desta ilustre virgem suas atas; embora as instruções de Pio não fizessem mais que fomentar as impressões da graça, a qual produziu em seu terno coração uns sentimentos tão nobres e tão cristãos que em sua juventude já parecia ter chegado a uma suma e eminente perfeição, sendo reputada por um dos prodígios do cristianismo e pelo modelo mais perfeito das piedosas matronas de Roma.

Embora por sua rara formosura, qualificada nobreza, vivo e perspicaz engenho pudesse aspirar Praxedes a ser uma das primeiras e das mais principais senhoras do mundo, todos os atrativos brilhantes do século não foram capazes de deslumbrar seu entendimento, estando bem persuadida de que o maior elogio de uma donzela cristã consiste numa justificada, modesta e virtuosa conduta. A alta ideia que concebeu desde logo da pureza fez que consagrasse sua virgindade a seu esposo Jesus Cristo e o seguisse nos trabalhos e amargura de sua cruz; para o que, retirada dos perigos do século, passava sua vida empregada nos santos exercícios de oração, vigílias, jejuns e penitências.

Os caritativos ofícios que com os pobres cristãos praticava a santa naqueles calamitosos séculos, em que tudo era tumulto e perseguição contra a Igreja, deram a conhecer em Roma o grande fundo de sua piedade. Todos os cristãos olhavam sua casa como geral hospício, onde achavam consolo em suas aflições e asilo em seus conflitos, invertendo a santa com mãos liberalíssimas seu copioso patrimônio no socorro dos necessitados. Não foi menos admirável seu zelo pelo aumento do culto divino: a seus rogos consagrou em igreja titular de Roma São Pio I a casa de seu pai Prudente, sob o título do Pastor; o mesmo fez com a de um presbítero chamado Novato, com as termas de seu nome, e não omitiu igual doação graciosa de seu próprio domicílio, a fim de que em todos se celebrassem os divinos mistérios e se administrassem os sacramentos.

Suscitou o imperador Antonino Pio uma das perseguições que padeceu a Igreja, não bem achado com a trégua pacífica que lhe concedeu por algum tempo de seu reinado, portando-se por fim como pagão e idólatra. Penetrado o piedoso coração da santa do mais vivo pesar ao ver as misérias dos muitos cristãos que gemiam entre duras prisões, animada de uma caridade sem limites, ia aos cárceres para consolar os aflitos e para alentá-los com suas sábias e eficazes persuasões a que se mantivessem firmes na confissão de Jesus Cristo, ocupando-se com o mesmo valor em dar sepultura aos ilustres mártires que morreram naquela borrasca, sem temer a donzela os perigos a que expunha cada dia sua vida; pois seus desejos não eram outros que ser participante de seus gloriosos triunfos.

Sabedor Antonino de que em casa de Praxedes se congregavam os cristãos para celebrar as funções de sua religião, deu providência para que os prendessem seus ministros, os quais prenderam com Simétrio, presbítero, a outros vinte e dois confessores, que o imperador mandou degolar sem processo algum. Sentiu a santa na alma o sucesso e, não podendo sofrer seu compassivo coração a desumanidade que executavam os pagãos com os inocentes fiéis, não por outra causa que a de resistir a prestar adoração sacrílega às falsas divindades, rogou ao Senhor que se dignasse tirá-la desta penosa vida. Ouviu o Senhor suas fervorosas súplicas e concedeu-lhe esta ventura em 21 de julho do ano 159. Deram sepultura ao venerável corpo os fiéis no cemitério de Priscila, contíguo ao de seu pai e de sua irmã Pudenciana.

Erigida a casa de Praxedes em título, como fica dito, teve-se em grande veneração em Roma desde os primeiros séculos; mas, tendo padecido algumas ruínas nos tempos sucessivos, interessaram-se depois em sua reedificação e adorno a santidade de Pascoal II, São Carlos Borromeu e Alexandre, cardeal de Médici, que ascendeu à dignidade pontifícia com o nome de Leão XI, devotos cordialíssimos da santa, cujas relíquias se conservam na igreja de seu título, das quais se têm trasladado algumas a diferentes partes do cristianismo, entre outras a Maiorca, e em todas se lhes

tributa a veneração correspondente.

# Martirológio Romano

Em Roma, Santa Praxedes, virgem, que, educada na prática da castidade e da lei de Deus e entregando-se a contínuas vigílias, à oração e ao jejum, morreu na paz do Senhor e foi enterrada junto a sua irmã Pudenciana na Via Salária.

Em Babilônia, o profeta Daniel.

Em Marselha, a festa de São Vítor, que, sendo soldado e não querendo levar as armas por não sacrificar aos ídolos, foi desde logo preso e consolado pela visita de um santo anjo; atormentado depois de muitos modos, consumou por fim seu martírio, esmagado por uma pedra de moinho. Com ele foram também martirizados outros três soldados, Alexandre, Feliciano e Longino.

Em Troyes, Santa Júlia, virgem e mártir.

No mesmo lugar, o martírio de São Cláudiano, São Justo e São Jucundino com cinco companheiros, sob o imperador Aureliano.

Em Comana, na Armênia, São Zótico, bispo e mártir, que foi coroado sob Severo.

Em Estrasburgo, Santo Arbogasto, bispo, ilustre por seus milagres.

Na Síria, São João, monge, colega de São Simeão.

Em Sange-d'Erve, perto de Sablé, São Serne, solitário.

No país dos Vosges, na Lorena, São João e São Benigno, gêmeos, monges sob São Hidulfo, mortos no mesmo dia.

Em Tournai, o venerável Charlar, cônego de Nossa Senhora, célebre por sua singular modéstia e profusões para com os pobres.

Em Cesena, na Itália, os santos mártires Tipógrates, Adrianito e alguns outros.

Também em Comana, o martírio de São Basilisco de Amásia.

Em Emesa, o falecimento de São Simeão Salós.

# Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos concedis sanctorum martyrum tuorum Victoris, et sociorum ejus natalitia colere: da nobis in æterna beatitudine de eorum societate gaudere. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

**Português:** Ó Deus, que nos concedeis a graça de que celebremos o nascimento ao céu dos gloriosos mártires São Vítor e seus companheiros, concedei-nos também a de que gozemos de vossa eterna bem-aventurança em sua santa companhia. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

# Epístola

A epístola é do capítulo 11 do apóstolo São Paulo aos Hebreus, e a mesma do dia 18, pág. 425.

**Hebreus 11,33-39**

> **Latim:** 33 qui per fidem vicerunt regna, operati sunt justitiam, adepti sunt repromissiones, obturaverunt ora leonum, 34 extinxerunt impetum ignis, effugerunt aciem gladii, convaluerunt de infirmitate, fortes facti sunt in bello, castra verterunt exterorum : 35 acceperunt mulieres de resurrectione mortuos suos : alii autem distenti sunt non suscipientes redemptionem ut meliorem invenirent resurrectionem. 36 Alii vero ludibria, et verbera experti, insuper et vincula, et carceres : 37 lapidati sunt, secti sunt, tentati sunt, in occisione gladii mortui sunt, circuierunt in melotis, in pellibus caprinis, egentes, angustiati, afflicti : 38 quibus dignus non erat mundus : in solitudinibus errantes, in montibus, in speluncis, et in cavernis terræ. 39 Et hi omnes testimonio fidei probati, non acceperunt repromissionem,

**Português:** 33 que pela fé conquistarão reinos, obrarão accções de justiça, alcançarão as promessas, tapárão as bocas dos leões, 34 suspendêrão a violencia do fogo, evitárão o fio da espada, convalescerão de enfermidades, forão fortes na guerra, pozerão em fugida exercitos estrangeiros: 35 as mulheres recobrrão os seus filhos mortos por meio da resurreição: e huns forão estirados, não querendo resgatar a sua vida, por alcançarem melhor resurreição. 36 Outros porém sofrerão ludibrios, e açoutes, e além d'isto cadeias, e prisões: 37 elles forão apedrejados, forão serrados pelo meio, forão tentados, forão mortos ao fio da espada, elles andárão vagabundos, cobertos de pelles d'ovelhas, de pelles de cabras, necessitados, angustiados, afflictos: 38 huns homens de que o mundo não era digno: errantes nos desertos, nos montes, e escondendo-se nas covas, e nas cavernas da terra. 39 E todos estes provados pelo testemunho da fé, ainda com tudo

não receberão a recompensa prometida,

# Nota

«Escreveu-se esta admirável epístola antes da destruição do templo de Jerusalém, como se reconhece por tudo o que se diz nela dos sacerdotes e dos sacrifícios da lei. Também dá bastantemente a entender o Apóstolo que a escreveu na Itália; e até São Crisóstomo, Teodoreto e alguns outros são de parecer que a escreveu em Roma, pouco depois que se lhe deu liberdade, tirando-o do cárcere.»

# Reflexões

Se se considera quanto padeceram por Jesus Cristo aqueles heróis cristãos e se se faz reflexão ao que nós fazemos pelo mesmo Senhor, não se poderá duvidar se eles reconheceram outro Evangelho distinto do nosso ou se nós professamos outra religião diferente da sua? A delicada vida dos cristãos de nossos tempos, seus costumes, suas máximas e sua licença, tudo induz tão enorme desproporção entre nossa moral e a dos primeiros fiéis que com razão se pode perguntar se temos a mesma fé. É igual à sua nossa caridade? Com tudo isso, coisa admirável! Ainda nos atrevemos a ter tanta ou maior esperança. Os mesmos que vão marchando por aqueles mesmos caminhos que Jesus Cristo declarou que guiavam diretamente à perdição, esses mesmos se lisonjeiam de que, sem mudar de rumo, hão de chegar ditosamente ao porto da salvação. É certo que já se acabou o tempo das perseguições; mas o tempo das tentações dura por toda a vida. É o mundo o grande e declarado inimigo de Jesus Cristo, podendo-se dizer que é como o sucessor dos Maximianos e dos Dioclecianos, pela eterna perseguição que declara a todos os bons e a quantos conformam seus costumes às máximas do Evangelho. A ninguém perdoa; não há virtude cristã que escape a sua censura; todas são condenadas em seu injusto tribunal. Modéstia, circunspecção, pudor nas mulheres, piedade, moderação, retiro em pessoas distinguidas, virtude sobressalente, exemplos de edificação, caridade universal, intenção reta, inocência, fervor, tudo o que honra a religião irrita os mundanos e alvoroça seu mau humor. O mundo proscreve os devotos e amotina-se com furor contra os santos. Basta ser discípulo de Jesus Cristo para incorrer em sua desgraça. Quanto dá que padecer àquelas almas virtuosas, àqueles homens justos de quem ele não era digno! Arroja-os de seu lado, exclui-os com desprezo e com indignação de suas concorrências e lhes faz sofrer uma perseguição muito pouco diferente da dos tiranos. Mas infeliz daquele que se rende a sua tirania! Pela fraqueza e pela covardia de muitos cristãos forma-se, por dizê-lo assim, dentro do mesmo seio da religião certa classe de apóstatas. Teme-se muito a este tirano imaginário; mas quando houve temor mais vão? Faz-se grande apreensão de seus juízos, põe-se o maior cuidado em não desgostá-lo; e melhor fora pô-lo em não lhe dar gosto. Nem sequer se esperam suas ameaças; antes que estas cheguem, não há valor para obrar bem só porque se sabe que a virtude não é do gosto do mundo. Que se dirá se reformo o trem, se me retiro das reuniões, se mudo de vida? E será possível que homens, por outra parte capazes, entendidos, se intimidem, se espantem, se detenham por este ridículo respeito humano, que em rigor não é mais que um fantasma?

Com tudo isso, este fantasma faz na maior parte dos cristãos destes tempos quase o mesmo efeito que faziam as ameaças dos imperadores gentios nos corações de muitos fiéis covardes dos primeiros séculos. Intimidados estes dos tiranos, apostatavam da fé de Cristo; e acovardados aqueles pelos respeitos humanos, não se atrevem a declarar-se pelo Evangelho. Nunca nos esqueçamos deste oráculo: *O que se envergonhar de mim e de minhas palavras, o Filho do homem se envergonhará dele quando vier cheio de glória e de majestade.*

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

**Mateus 11,25-30**

> **Latim:** 25 In illo tempore respondens Jesus dixit : Confiteor tibi, Pater, Domine cæli et terræ, quia abscondisti hæc a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis. 26 Ita Pater : quoniam sic fuit placitum ante te. 27 Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Et nemo novit Filium, nisi Pater : neque Patrem quis novit, nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare. 28 Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. 29 Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. 30 Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

**Português:** 25 Naquelle tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do ceo e da terra, porque escondeste estas cousas aos sabios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. 26 Assim he, Pai: porque assim foi do teu agrado. 27 Todas as cousas me forão entregues por meu Pai. E ninguem conhece o Filho senão o Pai: nem alguem conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho o quizer revelar. 28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. 30 Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

# Meditação

*Do vencimento das paixões*

## Primeiro ponto

Considera que não temos maiores inimigos que nossas próprias paixões. Elas alteram nossa quietude desde que nascemos. Que laços não nos armam! Que feridas não nos abrem! Nenhuma que não atire a condenar-nos; nenhuma que não se empenhe em perder-nos. Bom Deus, quantos desgostos se escusariam, de quantos maus passos nos livraríamos, que velhice tão doce lograríamos se desde logo nos aplicássemos a domar estes irreconciliáveis inimigos de nosso repouso e de nossa salvação! Não há idade isenta de paixões. És menino? As paixões são de ordinário as únicas molas que, por dizê-lo assim, põem em movimento toda a máquina. És jovem? Essa é a idade em que têm mais força, maior vigor e em que fazem mais lastimosos estragos. A idade mais madura de ordinário as faz mais feras; na verdade, modera um pouco seus ímpetos e sua fogosidade, mas não as purga do veneno. A velhice debilita as forças do corpo e do espírito, mas não as das paixões. Enganam-se os que julgam que o tempo as sujeita; pelo contrário, o tempo as torna mais imperiosas e mais absolutas. Quanto mais longa é a posse, alegam maior direito; e para elas o costume antigo tem força de prescrição.

Mas não só são as paixões colheita de todas as idades; também o são de todas as condições e de todos os estados. Para elas não há país estranho nem forasteiro. Nem são inacessíveis a seu poder os desertos mais espantosos. Não há gênero de vida que as acovarde; contanto que as admitam, a tudo se acomodam. Elas zombam do gênio, do humor e até da mesma devoção; e, não se estando sempre muito alerta, ainda que se tenha a melhor intenção e a melhor vontade do mundo, há grande risco de ser o brinquedo e até a vítima de suas próprias paixões. Cada paixão, digamo-lo assim, tem seu distinto idioma; e, em meio disso, todas elas dizem uma mesma coisa. Todas conspiram contra nossa salvação; não há sequer uma que não se oponha à doutrina do Evangelho e que, sujeitando-nos aos sentidos, não nos desvie de nosso último fim. Estes são aqueles ferozes, temíveis inimigos domésticos que nos fazem uma guerra mortal, sem que por nossa parte nos atrevamos a fazer-lhes resistência; pois que maravilha é que ao cabo sejamos escravos seus, nem que gemamos oprimidos sob o jugo desta escravidão?

# Segundo ponto

Considera que com este gênero de inimigos não há meio: ou vencer, ou ser vencido. O mesmo é dar-lhes tréguas que ser derrotado. Não há coisa que tanto aumente a força das paixões como o tratá-las bem; perdoando-as, fazem-se mais violentas. Sucede às paixões o que à febre: por um momento parece que a apaga um copo de água fria; mas isto é pontualmente o que a acende mais. Se não se doma inteiramente a paixão, não a exterminando e aniquilando com vitórias completas e reiteradas, faz-se mais furiosa e sabe muito bem desforrar-se do tempo que a tiveram oprimida. Livre-nos Deus de vencer não mais que pela metade este inimigo; sempre será funesto o fim da função e do combate. Daqui nasce que, depois daquela frequência algo maior de sacramentos, depois daqueles exercícios em que se deu um golpe neste inimigo, volta a reforçar-se a paixão e nos ataca com maior força que nunca. Se desde o mesmo instante em que nascem as paixões se lhes fizesse uma guerra viva e continuada, facilmente se conseguiria o intento de domá-las; mas contentamo-nos com queixar-nos de sua importunidade; faz-se-lhes não mais que uma débil resistência; declara-se-lhes a guerra com frouxidão; de maneira que o que obra assim mais parece temê-las e fomentá-las que persegui-las. Não nos admiremos, pois, de que nos causem tantos danos nem de que consigam mil vantagens sobre nós; fazem-se feras com estes

sucessos tão frequentes e ao cabo nos tiranizam. Ó bom Deus, quanto não dão que padecer durante a vida, e qual será o fruto de suas vitórias na hora da morte! Obra sua é nossa eterna condenação. Os Sauls, os Salomões, os Judas, os Orígenes, os Tertulianos e tantos outros são triste e funesta prova do que podem as paixões quando se anda com elas em contemplações. Apaguem-se nos cristãos as paixões e pode-se dizer que se apagou para eles o inferno.

Ó meu Deus, e quão bem aprendi eu na escola de minha covardia! Quanta verdade é o que medito! E não temerei já, se ainda prossigo em deixar-me vencer de um inimigo tão terrível? Fraco sou, Senhor, bem o vedes vós; e por isso mesmo conheceis quão grandes, quão poderosos auxílios hei mister para combater e para vencer um inimigo que atira diretamente a estorvar-me a salvação. Unicamente confio em vossa graça e, em fé disso, atrevo-me a prometer-vos que não farei tréguas com minhas paixões e que não as deixarei respirar até tê-las vencido de todo.

# Jaculatórias

> *Eripe me de manu inimicorum meorum, et a persequentibus me.* Sl 30.

Livrai-me, Senhor, das mãos de meus inimigos, que me perseguem para perder-me.

> *Persequar inimicos meos, et comprehendam illos; et non convertar donec deficiant.* Sl 17.

Cheio de confiança em vós, Deus meu, perseguirei meus inimigos, atacá-los-ei e não me retirarei até tê-los inteiramente derrotado.

# Propósitos

1. Tem presente que perdoar a uma paixão é fornecer-lhe armas. Crê-se que se a vai debilitando pouco a pouco, e engana-se o que o crê; a tolerância lhe dá alentos e a fortifica. Ainda é erro mais grosseiro pensar livrar-se dela contentando-a e satisfazendo-a. É possível que não se advirtam os funestos estragos que faz cada dia este inimigo doméstico? Conhecem-se, experimentam-se, choram-se; porque quem deixa de gritar contra as paixões? Mas a isto se reduz tudo; não passa adiante a cólera. Arma-te desde este ponto contra esse inimigo, não sofras que te tiranize; ataca-o de frente; considera qual é seu fim, suas armas e seus artifícios; se é a paixão do deleite, acode à mortificação dos sentidos e lança mão das armas da penitência; se a ambição e o orgulho, na humildade cristã e muito mais nas humilhações e nos desprezos acharás com que domar estes ferozes e terríveis inimigos; se é a cólera, faze estudo particular de conservar sempre uma doçura

inalterável à prova de todo acidente. Para reprimir seus ímpetos, é meio muito eficaz o calar logo que se exalta e retirar-se por alguns instantes.

2. Examina quais são tuas paixões e pela manhã, quando ofereceres as obras do dia, faze a Deus uma oração particular, pedindo-lhe que te assista com sua graça para vencê-las. Todos os dias, ou ao menos de quando em quando, faze algumas penitências, oferece algumas comunhões e algumas esmolas para que o Senhor te conceda esta importante vitória. Escolhe por especial padroeiro algum santo que tenha sobressaído naquela virtude de que necessitas. Estes são auxílios necessários para lograr o vencimento. Desconfia de tua fraqueza; mas, confiando ao mesmo tempo na divina graça, não omitas meio algum que possa conduzir a domar este inimigo. Sobretudo, guarda-te bem de deixar-te mandar de tuas paixões; já que não as podes aniquilar e destruir, ao menos tem-nas sujeitas, abatidas e, por dizê-lo assim, encadeadas.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:33 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:33 by Admin